



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após lançamento do pólo aeronáutico de helicópteros de grande porte

Itajubá-MG, 30 de junho de 2008

Presidente: Primeiro, deixe-me dizer para vocês uma coisa: da importância e do significado desse projeto de investimento, aqui, na Helibras. O Brasil, definitivamente, entra na era da produção de helicópteros grandes. Essa parceria com a Eurocopter deixa o Brasil numa situação altamente confortável porque não só nós vamos produzir no Brasil, como nós temos que dinamizar as vendas em toda a América Latina, que é um mercado extraordinário.

E, sobretudo, a implantação dessa empresa, consolidando a Helibras aqui na cidade de Itajubá e na região. Certamente, muitas empresas de componentes virão para cá. Aqui já temos uma universidade federal importante e, portanto, nós vamos formar uma engenharia aeronáutica muito mais forte.

Eu acho que é uma oportunidade que Minas Gerais, que já é sócia da Helibras, através do governo do estado, possa ver essa empresa crescer, se desenvolver e, com isso, desenvolver a região. Daí a minha alegria de estar participando desses 30 anos e de poder participar da assinatura de protocolos entre o Brasil e a França. No mais, as perguntas de vocês, agora.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu penso que cada cidade, em se tratando de eleição municipal, faz o acordo que for possível fazer e que for o melhor para que ganhe o candidato que o prefeito apóia.

No caso de Belo Horizonte, o prefeito e o governador têm um acordo, lançaram um candidato que é do PSB, o PT me parece que tem a vice e,



portanto, eu acho que é uma coisa plenamente aceitável, viável e importante. A participação do governador Aécio é importante porque, certamente, vai ajudar a gente a eleger o candidato.

Eu confesso que depois do PT de Minas aprovar – municipal, estadual – e depois da convenção aprovar, eu acho que a direção nacional do Partido poderia tranqüilamente apenas ter confirmado tudo o que já aconteceu. Se tivesse que fazer uma repreensão ao Pimentel, que a fizesse em segredo, porque o jogo estava sendo feito à luz do dia, todo mundo sabia o que estava acontecendo em Minas Gerais.

Portanto, eu acho que não dá para fazer disso um “cavalo de batalha”, gente. Agora, estamos a três meses das eleições, é ir para a rua, ganhar as eleições. Eu terei imenso prazer em participar de um comício em Minas Gerais. Eu vou participar pouco das eleições municipais, mas Belo Horizonte é uma das cidades que eu quero ir, até porque eu acho que é importante a continuidade do projeto de Belo Horizonte. Belo Horizonte está dando certo, a relação entre o prefeito e o governador tem sido uma boa relação.

As divergências políticas têm que ser encaradas com uma certa naturalidade, porque é assim mesmo, muitas vezes nós não conseguimos fazer aliança numa cidade em que todo mundo é só do PT. Essa divergência, quando tem PT, PMDB, PSB, PCdoB é normal, nós temos que encará-la com uma certa naturalidade. Se tentou por todas as vias fazer de outra forma, não era possível fazer. Então, acho que agora é trabalhar. Trabalhar e esperar o resultado eleitoral...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não, eu acho que tentar misturar uma eleição municipal com a eleição de 2010 é uma loucura, porque pode ser que os prefeitos eleitos em 2008 não sejam bons candidatos eleitorais em 2010, se eles não estiverem



com a administração boa.

Eu, na campanha passada, tive uma experiência. Eu ia numa cidade com um ex-prefeito e com o atual prefeito. Normalmente, o ex-prefeito era aplaudido e o atual era vaiado. Por quê? Porque é o momento em que o prefeito não conseguiu ainda implementar o seu programa. Ele vai começar a produzir mesmo o seu programa e a fazer boa política no terceiro ano. Todo mundo que administra prefeitura sabe disso.

De qualquer forma, eu acho que essa eleição pode ser feita de forma muito civilizada, muito democrática. E 2010 nós vamos discutir quando chegar a hora.

Jornalista: O Márcio Lacerda foi (inaudível) criado em seu governo?

Presidente: Ele foi secretário-executivo do Ciro Gomes. E o Ciro Gomes tem por ele um profundo respeito, admiração. Eu não tive convivência com o Márcio Lacerda, mas se ele foi secretário-executivo do meu ministro, significa que ele tem a aprovação do meu ministro. O Ciro é uma pessoa por quem eu tenho um carinho muito grande, um respeito, uma (Inaudível). Obviamente que eu gostaria que lá em Minas Gerais pudesse estar todo mundo junto, todos os partidos da base, mas não vai ser possível em muitos lugares do Brasil. Não vai ser possível e o que nós precisamos é administrar para que não haja fissuras entre os partidos políticos. Existem muitas capitais que têm problemas, muitas cidades médias que têm problemas, e nós estamos construindo muitas alianças, mas há outros lugares em que não dá e nós não podemos ficar reclamando. Tem que tratar isso com uma certa naturalidade.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Não. Não temos até porque acho que todos nós que fazemos



política sabemos que em política é assim mesmo. Às vezes aquilo que é quase natural não acontece e aquilo que não era natural acontece.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Veja, é que nós estamos com um problema de uma inflação que não acontece todas (Inaudível). Nós tivemos a primeira crise do petróleo, uma crise de alimentos e agora estamos tendo outra vez uma crise de alimentos. Há várias razões. Primeiro, o mundo está comendo mais, os chineses estão comendo mais, os indianos estão comendo mais, os africanos estão comendo mais, aqui no Brasil os pobres estão comendo mais, as pesquisas demonstram isso. Na América Latina, todos os países estão crescendo e o povo está comendo mais. O que acontece é que há um déficit de produção de alimentos de 175 milhões de toneladas e o mundo veio consumindo o estoque regulador que nós tínhamos, consumiu 175 milhões de toneladas. Nesse mesmo período de cinco anos o Brasil produziu 149 milhões de toneladas a mais. Tem uma especulação de alimentos no mercado futuro. As pessoas estão vendendo hoje o milho que vão produzir daqui a dois ou três anos. A minha preocupação é que o preço de 2010 seja precipitado no preço de hoje.

Tem a questão do etanol do milho, mas também tem a chuva que deu agora nos Estados Unidos, perdeu metade da safra americana. Eu tenho dito que esse é um problema razoável para o Brasil, porque o Brasil está desafiado agora a aumentar a sua produção agrícola. Eu estou indo, na quarta-feira, ao Paraná lançar o Programa para a Agricultura Empresarial, na quinta-feira estarei lançando em Brasília o da Agricultura Familiar. Nós estamos com a perspectiva de um programa Mais Alimentos, com a agricultura familiar, em que queremos investir 25 bilhões de financiamento na agricultura para que as pessoas possam comprar máquinas novas, levar conhecimento tecnológico, melhorar a qualidade da terra. Eu diria que se para alguns países a crise de



alimentos é um problema, para o Brasil é uma oportunidade extraordinária de a gente dar um salto de qualidade e produzir muito mais.

Obviamente que eu acho que quando há expectativa inflacionária, isso é ruim e nós precisamos trabalhar, o Ministro da Fazenda está trabalhando, o Banco Central está trabalhando, para que a gente não permita que a inflação volte. Se você olhar o quadro inflacionário no mundo hoje, você vai perceber que dentre todos os países que estão sendo vítimas da inflação de alimentos, o Brasil é o País em que a inflação cresceu menos, em uma demonstração de que nós estamos tomando as medidas adequadas, e vai chegar o momento em que tudo isso vai se ajustar. O que nós não vamos permitir, em hipótese alguma, é a volta da inflação porque ela corrói exatamente o poder aquisitivo das pessoas que ganham menos.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Eu acho que ele, encerrando o mandato, tem que descansar um pouco. Ele foi secretário das finanças do Patrus, depois ele foi vice do (Inaudível) e depois foi ministro outra vez, secretário não sei do quê, prefeito por dois mandatos. Eu acho bom ele descansar um pouco.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Veja, o problema é que eu acho que não é um problema da direção nacional, acho que é um problema municipal, é só isso. Eu não quero dar dimensão, e tampouco que isso possa atrapalhar um acordo já feito. Ele está consolidado. Agora, se ficar mexendo, só piora as coisas. O tempo exige que se trabalhe. Eu espero que os companheiros tenham sorte e ganhem as eleições.

Tchau, gente. Obrigado.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31EGJLP)